



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

*Versão para registro histórico*

*Não passível de alteração*

<b>COMISSÃO DO ESPORTE - SUB. ESP. OLIMPIADAS E PARALIMPIADAS 2016</b>			
<b>EVENTO:</b> Audiência Pública	<b>REUNIÃO Nº:</b> 0524/18	<b>DATA:</b> 12/06/2018	
<b>LOCAL:</b> Plenário 4 das Comissões	<b>INÍCIO:</b> 15h56min	<b>TÉRMINO:</b> 17h16min	<b>PÁGINAS:</b> 30

**DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO**

PAULO MÁRCIO DIAS MELLO - Presidente da Autoridade de Governança do Legado Olímpico.  
JORGE BICHARA - Diretor de Esportes do Comitê Olímpico do Brasil.  
SÉRGIO TEIXEIRA DA FONSECA - Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e  
Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG.

**SUMÁRIO**

Debate sobre o legado deixado ao País pelos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

**OBSERVAÇÕES**

Houve exibição de imagens.  
Houve exibição de vídeo.



**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Flávia Moraes) - Boa tarde a todos.

Pedimos desculpas pelo atraso. Faríamos a reunião na sala da Comissão, mas resolvemos aguardar a disponibilidade do plenário, que é muito melhor, e cujo sistema de gravação, de som, é mais preparado para a discussão.

Esta audiência pública está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 233, de 2018, de autoria do Deputado Arnaldo Jordy e minha, que visa debater o legado deixado ao País em decorrência da realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

Para dar início aos trabalhos, convidamos para compor a Mesa os nossos expositores: Paulo Márcio Dias Mello, Presidente da Autoridade de Governança do Legado Olímpico, para apresentação referente às estruturas da Arena Carioca 1, da Arena Carioca 2, do Centro Olímpico de Tênis e do Velódromo (*palmas*); Euler Barbosa, Secretário do Estado do Esporte do Ceará, para apresentação referente ao Centro de Formação Olímpica de Fortaleza, que está a caminho; Jorge Bichara, Diretor de Esportes do Comitê Olímpico do Brasil, para apresentação referente ao Parque Aquático Maria Lenk (*palmas*); Sergio Teixeira da Fonseca, Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, para apresentação referente ao Centro Esportivo Universitário — CEU, de Belo Horizonte, Minas Gerais (*palmas*).

Informamos que foram convidados para participar desta audiência o Sr. Silvio Acácio Borges, Presidente da Confederação Brasileira de Judô, que justificou a ausência, e um representante da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, que não respondeu ao nosso contato.

Antes de passar à exposição dos nossos convidados, informo a todos as regras de condução dos trabalhos: os convidados terão, no máximo, 10 minutos para suas preleções; após as exposições, serão abertos os debates; os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos; será permitida a réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Esta audiência pública está sendo transmitida pelo portal e-Democracia, com *link* disponível na página da Comissão do Esporte, no Portal da Câmara, possibilitando a participação popular por meio de perguntas.



Quero agradecer a presença aos nossos expositores. Como todos puderam perceber, cada um representa uma estrutura e apresentará as destinações dadas a elas pós-olimpíadas e pós-paraolimpíadas.

O primeiro expositor é o Sr. Paulo Márcio Dias Mello, a quem passo a palavra.

**O SR. PAULO MÁRCIO DIAS MELLO** - Deputada Flávia Moraes, eu gostaria de agradecer a V.Exa. o convite e dizer que, para mim, é sempre um prazer vir a esta Comissão. E já não é a primeira vez. Falar de legado, para mim, é muito gratificante diante do trabalho que vem sendo realizado desde que a União assumiu as quatro instalações no Parque Olímpico.

Eu gostaria de cumprimentar meu amigo Jorge Bichara, Diretor do COB, eterno parceiro. Vamos aqui discorrer, ainda que num tempo curto, sobre a parceria do COB com a AGLO, autarquia federal que foi criada para cuidar do nosso legado.

Eu gostaria de cumprimentar também o Prof. Sergio, da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, que tive o prazer de conhecer hoje. Temos várias parcerias que estão sendo firmadas com a UERJ e a UFRJ e tenho certeza de que esta conversa pode trazer bons frutos para o nosso legado olímpico.

Eu gostaria de cumprimentar todos os senhores aqui presentes e de agradecer a presença para falarmos sobre este tema tão importante que, de certa forma, ainda aflige todos nós brasileiros, que é a utilização do legado olímpico.

Deputada, antes de falar propriamente sobre a utilização do nosso legado, é preciso fazer um paralelo de como tudo aconteceu. Talvez alguém aqui ainda não tenha tido ciência de como esse processo do legado olímpico veio a ser responsabilidade da União.

Todos sabemos que, com o término da Paraolimpíada em setembro, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro tentou fazer uma PPP — Parceria Público-Privada em que pretendia passar as instalações para a iniciativa privada. Essa parceria não deu certo, a licitação não ocorreu e o Prefeito da época, preocupado com a sustentação de algumas arenas do Parque Olímpico, vendo a inviabilidade, talvez até econômica, de preservar esse patrimônio tão importante de todos nós, passou para a União, através de um termo de cessão, em dezembro, a responsabilidade pela administração de quatro arenas: Arena Carioca 1, Arena Carioca 2, Velódromo e Centro Olímpico de Tênis.



Feito isso, o então Ministro Leonardo Picciani, sensível aos problemas que certamente teríamos que enfrentar com o legado olímpico... Aqui é bom abrirmos um parêntese para dizer que legado olímpico não é fácil, e nunca foi, para nenhum país do mundo. Não é privilégio só do Brasil lidar com esse tema, com toda dificuldade, e avançar, a cada momento, nessa luta constante, não só pela ocupação e pela manutenção desse parque. No mundo inteiro existe essa dificuldade. Vemos essa preocupação, inclusive agora, com relação ao Japão, quando recebo a visita do seu Embaixador e do seu Ministro para as Olimpíadas, manifestando essa preocupação sobre como conseguimos, pós-Olimpíadas, cuidar desse legado olímpico.

O então Ministro Leonardo Picciani, a partir desse processo de transferência para a União dessas quatro arenas, resolveu montar uma autarquia federal com poder de execução para colocar em prática as políticas esportivas do Ministério do Esporte. A partir daí, em março, houve a transformação da antiga Autoridade Pública Olímpica — APO, que era um consórcio interfederativo, em Autoridade de Governança do Legado Olímpico — AGLO, com atribuições distintas, aproveitando a estrutura que existia. E começamos a desenvolver um trabalho de legado.

Deputada, a imprensa me pergunta: *“Qual é a maior dificuldade hoje, Presidente, que o senhor enfrenta com relação ao legado olímpico?”* Eu digo a V.Exa., de coração aberto, que a maior dificuldade eu consegui passar para a população, aquilo que vimos realizando dentro do Parque Olímpico. Como eu disse no início da minha fala, o legado é uma dificuldade no mundo inteiro. E cito para a senhora, por exemplo, Londres, sede olímpica anterior ao Rio de Janeiro. Levaram 2 anos para entregar esse legado à população e, até hoje, assim como ocorre com outros legados, necessitam de investimento público para fazê-lo funcionar. A exceção é Barcelona, cuja Olimpíada aconteceu em 1992.

Tão logo foi montada, Deputada, a AGLO, apresentamos o Plano de Legado das Instalações Olímpicas e Matriz de Responsabilidade dos Jogos Rio 2016 em uma audiência pública, com a presença do Ministério Público Federal, do Tribunal de Contas da União e de diversas entidades representativas do esporte.

Esse plano de legado, como eu dizia na época, não se exauriu naquela apresentação. Ele precisa de uma atualização constante. Como fazemos isso? A partir do momento em que se começa a vivenciar, dentro do Parque Olímpico, todas as



necessidades que ele apresenta não só do ponto de vista de estrutura, mas principalmente de ocupação, de planejamento de ocupação.

Deputada, nós temos uma meta no Plano de Legado que já foi batida. Tivemos até 2017 144 eventos no Parque Olímpico da Barra, no Parque Olímpico de Deodoro. Hoje tenho dificuldade, ao inverso do que se pensava, para disponibilizar, nos fins de semana, horários para práticas esportivas e campeonatos, tamanha a procura que estamos tendo para eventos. Veja, em apenas 1 ano, tivemos eventos internacionais de grande porte. Mas a população ainda não teve essa ciência. E não teve por quê? Porque, por mais que a AGLO ou a União, em determinados momentos, tente passar isso, encontramos ainda muita resistência e dificuldade com alguns setores da imprensa para divulgar nosso calendário.

Quando caiu um balão lá, as manchetes de jornais sobre a preocupação com a existência de brigadistas, com os danos ocorridos na pista, que é de pinus siberiano, foram quase diárias. Hoje, mesmo sabendo que o legado funciona, temos dificuldade para passar para a população o que acontece dentro do Parque Olímpico.

Essa dificuldade de calendário que tenho é cada dia mais consistente e evidente, tamanha procura. Nesse 1 ano de AGLO, tivemos vários eventos importantes de porte internacional. Cito o campeonato de vôlei de quadra, o campeonato mundial de vôlei de areia. Tivemos, recentemente, um campeonato de paraciclismo, com a presença de diversos países, inclusive utilizando a pista que é objeto de preocupação de todos, em razão do gasto com o velódromo, pois há necessidade de se manterem o ar-condicionado ligado, na temperatura de 18 graus a 26 graus, além da umidade relativa do ar inferior a 30%. Tudo isso para manter a nossa pista de pinus siberiano. Isso foi aproveitado agora no campeonato mundial de paraciclismo. E o nosso velódromo ainda vem sendo utilizado pela Confederação Brasileira de Ciclismo, que, em parceria com o COB, está lá treinando seus atletas para o próximo ciclo olímpico, que vai acontecer em Tóquio.

Temos também o experimento da própria população, Deputada, dentro do velódromo, que tem condições de visitar o local e ter a experiência do ciclismo de pista. Em visita guiada, projeto que implantamos na AGLO, a população passa um dia conhecendo o Parque, todas as instalações e projetos que temos.

Temos também nas outras arenas vários e diversos eventos realizados.



Na Arena Carioca 1, que possui capacidade para 6.500 pessoas, tivemos diversos campeonatos de tênis de mesa, de judô, de jiu-jitsu, de voleibol.

Também fizemos uma parceria com a NBB. Como os senhores devem ter conhecimento, inclusive a televisão divulgou, eles tiveram dificuldades para realizar o campeonato. E nós o realizamos dentro da Arena Carioca 1. Todos os jogos de Vasco, Botafogo e Flamengo foram realizados lá, a ponto de este ano o Flamengo já querer a Arena Carioca 1 como marca do clube em todos os jogos de basquete que lá acontecerem.

Nós tivemos o Game XP no ano passado, na época do *Rock in Rio*. Este ano já fomos procurados. A Rede Globo já está anunciando que o Game XP vai ocorrer no Parque Olímpico, nos dias 6, 7 e 8 de setembro, se não me engano.

Então, temos vários eventos dentro da Arena 1, utilizada especificamente para práticas de esporte de alto rendimento.

Temos a Arena 2, onde construímos um centro de treinamento. Costumo dizer a todos que a preocupação da AGLO não deve ser só com o esporte de alto de rendimento. Por que digo isso? Porque temos excelentes centros de treinamento espalhados pelo Brasil inteiro. Temos o centro de saltos ornamentais em Brasília; o centro de judô em Teixeira de Freitas, em Manaus. O Secretário do Esporte do Ceará não pôde vir, mas lá temos um centro de treinamento de ponta que atende a mais de 12 modalidades esportivas.

Então, a preocupação da AGLO na utilização do Parque Olímpico para esportes de alto rendimento é importante. Mas temos uma função social que extrapola isso. É por isso, Deputada, que digo a V.Exa. que muito orgulha a nossa equipe e a mim o aproveitamento que temos dado a ele para todos os projetos sociais.

Hoje temos os irmãos Nogueira, Minotauro e Minotouro, com projeto social dentro da Arena Carioca 2. Temos o projeto do Instituto Reação, do nosso judoca Flávio Canto. Inclusive Rafaela está treinando na Arena 2. Nossa campeã treina na arena onde foi campeã olímpica. Ela exerce o seu direito de treinar e utilizar a arena de onde saiu campeã. Também temos projeto de inclusão social lá.

A SNELIS tem um projeto com mais de 400 crianças desenvolvido dentro do Parque Olímpico que envolve mais de nove modalidades olímpicas. Para quem não conhece, a SNELIS — Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social,



vinculada ao Ministério do Esporte, mantém lá muitas crianças praticando diversas modalidades esportivas.

Temos o nosso campeão mundial de vôlei de praia, Anderson Águia, que veio da Rocinha. Ele era uma pessoa que não tinha nada, mas hoje leva crianças carentes das comunidades para treinar em uma quadra de areia construída próxima à quadra de tênis. Hoje temos mais de 50 crianças treinando todas as terças e quintas-feiras numa quadra construída sem a necessidade de qualquer investimento público. Nós conseguimos sua construção apenas com as contrapartidas que obtivemos com a locação das arenas para grandes eventos, como aconteceu com o Game XP, quando a AGLO conseguiu 400 mil, 450 mil reais pela locação de todo o período e investiu esse dinheiro todo em benfeitorias para o legado olímpico.

Temos o Rio Open, que todos conhecem, cujos campeonatos são realizados durante todo o ano em pista de saibro no Jockey. Estamos esperando que a Federação Internacional de Tênis transforme do saibro para pista. Certamente, em ocorrendo isso, o campeonato será realizado dentro da nossa área de tênis. Mas o Rio Open, independentemente disso, também tem um projeto social voltado ao tênis que atende aproximadamente 50 crianças.

Falei sobre esporte de alto rendimento, como falei de inclusão social. Temos também o esporte de participação. Como a população pode usufruir de nosso legado olímpico? Temos o aplicativo *Atleta.co* — não sei se os senhores ouviram falar —, por meio do qual a população consegue reservar nossas quadras de tênis externas e praticar o esporte gratuitamente. Nós fornecemos esse espaço durante todo o dia, para que a população consiga usufruir das quadras, jogando tênis.

Fizemos esse projeto visando desmistificar essa ideia de que o tênis é feito apenas para gente rica. Não, também pode ser praticado por crianças da comunidade, por crianças carentes. Aliás, o nosso objetivo é justamente esta descoberta: o esporte de base.

Então, Deputada, é um orgulho para mim falar sobre legado, depois de 1 ano, com as realizações que fizemos. Os senhores podem acessar nosso *site*, [www.aglo.gov.br](http://www.aglo.gov.br), para ver todos os eventos que tivemos no ano de 2017 e todos os que estamos programados para executar no ano de 2018. Isso tudo seguindo, obviamente, o Plano de Legado que apresentamos em audiência pública.



Aí eu digo a V.Exa. o seguinte: é preciso melhorar? Sempre. É impossível exigir que, em 1 ano, consigamos dar uma destinação completamente adequada a um legado olímpico. Isso é utopia. E digo isso a V.Exa. com a experiência que tenho depois de conversar com mestrandos, doutorandos, mestres, doutores e professores da área esportiva. Busquei inclusive esses profissionais junto à UFRJ.

Estamos tentando também realizações na área cultural. E acho importante para o Rio de Janeiro implantarmos o Museu Nacional do Esporte, que teria o nome de e-Museu. Esse projeto já está em andamento. Obviamente, buscamos um curador, que deve ter *expertise*. Isso tem custo. Já conversamos com o Prof. Roberto Gesta, que, se não é o maior, é o segundo maior colecionador do mundo de acervo olímpico, acervo esportivo. Ele já se prontificou a nos atender. Pretendemos levar parte do acervo que tem em um museu em Manaus para o Parque Olímpico.

Já conversei com o Prof. Lamartine, da UERJ, que está desenvolvendo esse projeto conosco. Ele é o maior colecionador sobre a nossa Maria Lenk e também já se prontificou a levar para o Parque Olímpico todo o seu acervo.

Já conversei com as Forças Armadas, que também me disseram que estão dispostas a levar o seu acervo para lá.

Então, fora o projeto do Museu Nacional do Esporte, estou criando um espaço cultural multiuso. Temos vontade de levar para dentro do Parque Olímpico artes cênicas. Isso já está em desenvolvimento, com investimento, evidentemente, da AGLO.

Deputada, como eu disse, o tempo é curto. Tenho muito ainda a falar sobre o legado. Procuo ser rápido, mas é difícil, porque tenho muitas realizações. Mas eu me coloco à disposição de V.Exa. e de qualquer pessoa aqui que queira fazer qualquer tipo de questionamento acerca de nosso legado olímpico.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Flávia Moraes) - Obrigada, Sr. Paulo Márcio. Vamos dar andamento ao debate. Se for preciso, retomaremos sua fala.

Passo a palavra ao Sr. Jorge Bichara, Diretor de Esportes do Comitê Olímpico do Brasil, para apresentação sobre o Parque Aquático Maria Lenk.

**O SR. JORGE BICHARA** - Boa tarde, Deputada. Agradeço o convite. Volto aqui sempre que necessário e me coloco à disposição para qualquer discussão que envolva o esporte olímpico brasileiro.



Trouxe uma pequena apresentação. Peço licença para fazer a exposição ali na frente, perto da tela.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Trouxe alguns dados em relação ao Parque Aquático Maria Lenk, a partir de um complexo esportivo que chamamos de Centro de Treinamento Time Brasil. Ele é oriundo das obras dos Jogos Pan-Americanos de 2007. E, no Pan-Americano de 2007, vimos o início das obras com o Parque Aquático e a Arena Jeunesse, que fica ao lado, no lugar do antigo autódromo.

Esse é o modelo que foi pensado para os Jogos Olímpicos, e esse é o modelo atual, que chamamos de Centro de Treinamento Time Brasil. Ele envolve o Parque Aquático Maria Lenk e o Centro Time Brasil de Ginástica Artística. Esses espaços são administrados pelo COB, principalmente o Parque Aquático Maria Lenk, desde 2008. Completamos, então, 10 ou 11 anos de administração. E eles envolvem também um laboratório, uma parceria feita pelo COB com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

Eu trouxe um pequeno vídeo sobre uma matéria que a *TV Globo* fez a respeito do Parque Aquático, em relação à utilização desse espaço.

*(Exibição de vídeo.)*

**O SR. JORGE BICHARA** - Bom, essa é uma amostra do que estamos realizando lá. Existe a questão da estrutura, que envolve a instalação física e os serviços oferecidos. Hoje mais de dez esportes utilizam as instalações. Dez clubes têm parceria com o COB na utilização do espaço. Nenhuma taxa é cobrada. Tudo é gratuito ali dentro.

Temos a ação de cessão do espaço também para entes públicos. Aí está a questão dos espaços antigos que foram ampliados pelos jogos. Houve uma ampliação, sim: uma nova piscina, um espaço de saltos ornamentais, um deque seco para treinamentos.

Aí estão os órgãos públicos que utilizam o espaço para seus treinamentos: Polícia Militar, Polícia Civil, Bombeiros. Eles fazem muitos treinamentos, principalmente na piscina de saltos.

É um espaço que também utilizamos para a capacitação do COB, através do Instituto Olímpico Brasileiro. Eu trouxe os dados do ano de 2018. São dados atualizados em relação aos cursos que estão sendo oferecidos lá dentro. Essas são



as modalidades atendidas, de maneira regular ou de maneira esporádica. E aí tem uma combinação de ação, sim, com a AGLO. Por exemplo, quando um time de vôlei vai jogar pela Superliga, ele faz o jogo lá e utiliza nossos espaços de recuperação ou de preparação física na preparação para o jogo. Aqui vemos o time do Praia Clube, de Uberlândia. O pessoal do SESC também usa bastante a instalação.

Aí vemos a quantidade de eventos realizados pelas confederações no ano de 2017. Mais uma vez, informo que esses eventos são gratuitos para a população e para as confederações que têm parceria com o COB. E esses foram os eventos realizados em 2018, até o mês de maio.

Esse é o Laboratório Olímpico. É uma ação do COB em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia. Foi um processo longo, que começou em 2009, quando houve o primeiro contato com o Ministério. Ele foi implantado em 2016 e efetivamente aberto para atender os atletas em 2017.

Foram feitos 51 tipos de avaliações e mais de 360 atendimentos a atletas em 2017. Foram 16 confederações atendidas.

Os atendimentos são feitos nos espaços do Parque Aquático Maria Lenk, na Arena de Ginástica e nas próprias instalações do Laboratório.

Aqui vemos a questão do fluxo. Há todo um procedimento para o atendimento dos atletas, a partir do momento em que eles fazem a demanda de utilização do espaço. Eles passam por todas as áreas até a entrega dos resultados. Temos a obrigação de devolver os resultados para os atletas em até 5 dias. Esse é um compromisso estabelecido, para que esse processo gere realmente resultados na preparação dos atletas.

Aí vemos alguns exemplos dos tipos de avaliações feitas. Essas são na área de bioquímica.

Essa é a Arena de Ginástica. Há um acordo para a utilização do espaço, que foi criado também para os Jogos Pan-Americanos. Em uma pontinha dele o COB faz uma locação e montou um centro de treinamento. É um centro de excelente qualidade. Ali fizemos a preparação das equipes olímpicas que disputaram os Jogos de 2016. E o resultado foi bastante expressivo para o Brasil na competição, nessa modalidade.

Os custos operacionais desse centro de treinamento chegam a 11 milhões de reais por ano. Eles estão abertos, bem como os investimentos que fazemos. Os custos



dos recursos humanos hoje estão na pasta do COB, de acordo com a política de transparência da entidade — os custos da remuneração dos profissionais.

Eu queria aproveitar um pouco do discurso do Paulo para reforçar a minha visão particular sobre esse processo de utilização do legado. É impossível ser feito por uma entidade só. O processo sempre vai envolver a necessidade das parcerias. O COB, de acordo com as suas últimas ações, cada vez mais fortalece seus laços de parcerias com a AGLO e com a Prefeitura. Temos reuniões mensais sobre a utilização do espaço.

Há uma questão física que acho importante destacar e que sempre discutimos internamente. Os espaços, principalmente das arenas novas, construídas para os Jogos Olímpicos, são ginásios. Então, as atividades ficam muito restritas a um ambiente interno, e a população externa, às vezes, não tem noção do que acontece lá dentro. Há uma preocupação das entidades em tentar ampliar esse tipo de divulgação. As conversas que temos tido são exatamente sobre criarmos mecanismos de comunicação que possam apresentar o que está sendo feito lá e trazer mais gente. Existem, certamente, espaços ainda ociosos nas instalações que podem ser ocupados, mas é preciso que as pessoas saibam o que está acontecendo lá dentro.

Entendemos que existem pessoas muito capacitadas no âmbito dos três partícipes dessa parceria. As reuniões são muito produtivas nesse aspecto. A AGLO lidera esse processo, em virtude da maior quantidade de instalações que tem lá dentro. Ao longo do tempo nós prevemos uma ocupação cada vez maior, sim, dos espaços.

O que o Paulo falou é verdade. Eu participei das últimas cinco edições dos jogos, e a questão do legado é sempre um ponto muito difícil de ser ocupado. O parque olímpico de Londres ficou fechado por 2 anos, antes de ser aberto para a população. Foi feita toda uma transformação do modelo jogos para o modelo legado.

São questões que envolvem não só uma política local, mas também uma política nacional de esporte que venha a envolver, principalmente, o esporte de participação, o esporte social e o esporte de rendimento.

Existe, sim, uma grande necessidade de ocupação do espaço pelo esporte social, e há campo para isso. É necessário haver interesse, investimento e organização das ações lá dentro, para que o parque, no modelo de legado, atenda



aos seus objetivos de ocupação pela população e de retorno de todo o investimento que foi feito no espaço.

Era isso.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Flávia Morais) - Obrigada, Sr. Jorge.

Passo a palavra agora ao Sr. Sérgio Teixeira da Fonseca, Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, para a apresentação referente ao Centro Esportivo Universitário de Belo Horizonte.

**O SR. SÉRGIO TEIXEIRA DA FONSECA** - Deputada Flávia Morais, gostaria de agradecer o convite para estar aqui com vocês hoje.

Saúdo os membros da Mesa, o Paulo Mello e o Jorge Bichara, que eu tive o prazer de encontrar na antessala de Lindberg Júnior. Tivemos uma conversa bem proveitosa. Espero continuar essas conversas no futuro.

Eu também tenho uma apresentação. Gostaria de ir para o palco, para fazê-la adequadamente.

*(Segue-se exibição de imagens.)*

Vou falar do Centro de Treinamento Esportivo da UFMG. O Centro de Treinamento Esportivo, na realidade, foi uma ação que se iniciou em 2008, com o Governo de Minas Gerais assinando convênio com a Universidade Federal de Minas Gerais, para a criação de uma estrutura que pudesse, de alguma forma, fomentar o esporte no Estado, que até então era bem incipiente.

Esse centro está localizado próximo ao Centro Esportivo Universitário — CEU, a estrutura mencionada aqui. É uma estrutura que hoje é composta por uma piscina olímpica de alta qualidade e por uma pista de atletismo e que atende diversas modalidades.

Ele tem um caráter diferente porque é um centro ligado a uma universidade. Então, além de desenvolver o esporte, ele tem a característica de fazer pesquisa, de fazer avançar o conhecimento e também de trabalhar na formação de pessoal.

Falando um pouco sobre a estrutura, como eu já disse, o centro começou em 2008, com a assinatura do convênio, mas somente em julho de 2012 é que foi concluída a primeira parte, com a inauguração da pista de atletismo. Nesse ano, começamos, então, a relação com o Ministério do Esporte, por meio de um convênio



que chamamos de Projeto de Desenvolvimento do Esporte, que nos permitiu, de alguma forma, começar a trazer técnicos e a captar atletas para o desenvolvimento do esporte.

Uma característica desse projeto é a de ser chamado Projeto de Desenvolvimento do Esporte. Por quê? Porque o atletismo, em Minas, principalmente na região de Belo Horizonte, era muito incipiente. Então, precisávamos de uma estrutura que pudesse, na realidade, dar vazão ao conhecimento que se tinha na Universidade Federal de Minas Gerais.

De 2012 a 2015, quando conseguimos concluir a segunda parte, que seria o Parque Aquático, todo o desenvolvimento foi direcionado ao atletismo, e as ações, dentro da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, às modalidades de *tae-kwon-do* e judô.

Então, em 2015, nós iniciamos as ações do atletismo e, logo em seguida, ficamos em condições de receber a equipe britânica, que fez todo o processo de preparação no Brasil conosco.

Aqueles que acompanharam os noticiários da época devem ter percebido a satisfação que a equipe britânica teve em estar conosco. Em alguns momentos, na própria imprensa internacional, eles se declaravam como a inveja ao mundo. É um dos termos utilizados por eles para classificar a qualidade das estruturas que eles encontraram ali.

Em junho de 2016, recebemos a Associação Britânica Olímpica. Logo após, em agosto, a paraolímpica. Todo o processo foi um sucesso. De alguma forma, nós nos sentimos também responsáveis pelo segundo lugar que eles obtiveram nas Olimpíadas, algo que até então nunca haviam alcançado. Essa qualidade foi refletida, logo depois, em março de 2017, quando o QS, principal *ranking* de universidades, classifica a Universidade Federal de Minas Gerais entre as 50 melhores universidades do mundo na área de esportes. E o CTE teve uma participação importante nisso. Esse investimento, de alguma forma, deu-nos destaque, conhecimento, a ponto de valorizar não somente a estrutura, mas também a produção científica de que a universidade é capaz.

Em março de 2017, o Projeto de Desenvolvimento do Esporte é renovado até o final do ano, e aí conseguimos uma coisa fundamental: investimento na compra de



equipamentos para as nossas salas de treinamento de força, a fim de dar maiores condições de atendimento aos nossos atletas.

Em 2018, nós lançamos um novo projeto, em parceria com o Ministério do Esporte. Agora, em vez de Projeto de Desenvolvimento do Esporte, há o Projeto de Desenvolvimento do Atleta de Alto Rendimento. Uma vez que o esporte foi fomentado na universidade, as estruturas lançadas, entramos numa nova fase: o desenvolvimento do atleta. Esse o estágio em que estamos atualmente.

Neste eslaide temos a estrutura. Esta estrutura é uma pista de atletismo e um parque aquático. A pista de atletismo foi considerada, pela equipe britânica, como a melhor pista em que eles tiveram a oportunidade de praticar, abaixo do Equador. De alguma forma, é melhor do que na Austrália — já é uma grande coisa.

A piscina é uma estrutura magnífica. Não temos exata noção, mas essa piscina está localizada no terceiro andar daquele prédio que os senhores veem em frente à pista de atletismo. É uma piscina suspensa, de 65 metros, que tem as bordas móveis. Ela pode ser dividida para permitir práticas de 25 metros, 50 metros, e, ainda, prática, por exemplo, de nado sincronizado. É aí, então, que desenvolvemos todo o trabalho com essas modalidades.

Dentro da estrutura, temos o setor de fisioterapia, o setor de treinamento de força, todos os dois equipados com o Projeto Desenvolvimento do Esporte, por meio do Ministério do Esporte. Foi o financiamento do Estado, um grande investimento do Governo Federal. Ali os senhores podem ver outras estruturas: almoxarifado; auditório para 60 pessoas, onde fazemos treinamento, formação de pessoal; um restaurante, que não foi inaugurado, porque ainda não temos condições financeiras para isso; uma sala de recuperação. É uma estrutura, então, que dá todo o conforto ao atleta para que desenvolva suas possibilidades totais.

O CTE é vinculado à nossa escola e é um órgão complementar. Ele tem uma estrutura própria ligada à escola, mas tem o seu próprio diretor e um Conselho de Administração, que tem assento no Estado de Minas Gerais, na definição de suas diretrizes, mas pertence majoritariamente à UFMG. Dos cinco membros que compõem o Conselho Administrativo, dois são do Estado e três da UFMG.

A estrutura básica da organização é composta pelo diretor, por um gerente administrativo, um coordenador técnico-científico — posição que ocupo hoje dentro



do Centro —, secretários, gerente de infraestrutura, apoio administrativo. Também contamos, por meio da Universidade Federal de Minas Gerais, com investimentos em segurança, portaria, serviços gerais, manutenção. Esse dinheiro vem da universidade e não está incluído no Projeto de Desenvolvimento do Esporte.

Estrutura de gerenciamento do Projeto de Desenvolvimento do Esporte. O Diretor é o Luciano Prado, o Coordenador do Projeto é o Bruno e eu sou o Coordenador Técnico-Científico. Nós temos ainda vários supervisores: de natação, de taekwondo, de judô e de atletismo. São todos professores da UFMG, ou contratados pela UFMG, para desempenhar suas funções. No projeto nós também contratamos treinadores e temos bolsistas e estagiários, que ajudam o desenvolvimento das modalidades que vou apresentar.

Quais seriam as principais características deste projeto? Nós atendemos hoje aproximadamente 500 atletas de sete modalidades e também atendemos atletas universitários. Ou seja, é a primeira tentativa de desenvolvimento do esporte universitário de alto nível no Brasil. No momento, as atléticas desenvolvem suas atividades lá, como também aqueles atletas que manifestam terem grandes potenciais recebem todo o atendimento e cuidado do CTE.

Nós atendemos também atletas de alto rendimento, atletas em formação e atletas paraolímpicos, sempre tentando buscar a combinação da ciência com a tecnologia e o esporte.

Nós temos, também, devido à nossa infraestrutura e à associação com a UFMG, a possibilidade de investir na formação de pessoas. Uma das grandes necessidades que temos no Brasil é a formação de treinadores, não somente formação de atletas. Para isso, o papel da universidade se torna bem importante, porque temos o conhecimento relativo ao treinamento, possibilitando, então, que venhamos a associar toda a questão do esporte, a formação de pessoal e o conhecimento.

Estas são as modalidades que nós atendemos hoje: natação, taekwondo, nado sincronizado, atletismo, pentatlo moderno, judô e triatlo.

Temos uma equipe multidisciplinar atuando nas áreas de medicina esportiva, nutrição esportiva, fisiologia do exercício, fisioterapia esportiva, psicologia e biomecânica.



Apontamos aqui alguns destaques de pessoas que receberam cuidados do CTE e vêm se destacando nas competições nacionais e internacionais hoje: Isis de Oliveira, selecionada para a Seleção Brasileira Adulta de Nado Sincronizado; André Fernandes, técnico da Seleção Brasileira Sub-18; Bárbara Rodrigues, prata nos 80 metros com barreira no Brasileiro Sub-16 — estamos lidando muito com jovens, a ideia é a formação para o futuro, olho no próximo ciclo olímpico —; Thais Michele, ouro nos 100 metros com barreira no Brasileiro Sub-18; Clara Guimarães, bronze no Campeonato Mundial de Triathlon; Marcel Martinez, medalha de ouro no salto em distância, prata no salto em altura, e bronze nos 100 metros rasos no Circuito Caixa Paralímpico.

Vemos que uma estrutura que começou sem nenhum atleta hoje consegue resultados importantes no atletismo e na natação nacional.

Psicologia do Esporte. A Psicologia do Esporte vem focando suas ações no treinamento psicológico, orientação profissional e de carreira no esporte, educação sexual e psicologia clínica.

Lembrem que nós temos vários jovens em condição de risco social que recebem cuidado da UFMG. Então, essa abordagem da psicologia é fundamental, não somente nos aspectos direcionados ao alto rendimento, mas também por guiar esse indivíduo que sofre dificuldades, no sentido de tirar o máximo dele e dar até condições mesmo de uma relação no contexto externo ao esporte.

Nutrição esportiva. Avaliação antropométrica e de composição corporal; avaliação nutricional individual; orientação nutricional individual e em grupo; prescrição de dietas e intervenções nutricionais individualizadas.

Fisioterapia esportiva. Avaliação pré-participação para ações preventivas; tratamentos específicos dos nossos atletas; medidas de facilitação pré-treinamento e pré-competição no sentido de tirar o máximo deles durante as competições; medidas regenerativas, que compõem o conjunto associado às ações preventivas, porque uma lesão tem um custo enorme na carreira desses indivíduos.

Últimos dados relevantes. Ao longo de todo esse período, 1.400 atletas participaram das peneiradas no CTE, ou seja, abrimos peneiradas para tentar descobrir novos talentos — 1.400 atletas passaram por lá. Fazemos também ações em escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte: 6.000 alunos já foram



testados, mais de 1.000 atletas já foram atendidos pelo Projeto Desenvolvimento do Esporte. Hoje, nós temos 500 atletas em atividade lá dentro.

Em 2017, havia 100 atletas de atletismo, 167 atletas de judô, 170 atletas de natação, 210 atletas de taekwondo e dez atletas de triatlo. É uma composição muito grande para algo que não existia em 2012.

Resultados: em competições estaduais nós já tivemos 264 medalhas de ouro; 139 medalhas de prata; 129 medalhas de bronze. Em competições nacionais, nós tivemos 48 medalhas de ouro, 42 medalhas de prata e 31 medalhas de bronze. Em competições internacionais, ganhamos 13 medalhas de ouro; 6 medalhas de prata e 7 medalhas de bronze. A grande maioria desses resultados é de jovens que foram descobertos por esse projeto. Também temos alunos que participam das atividades: 120 alunos de nível universitário treinam hoje no CTE.

Nossa característica básica, como disse anteriormente, é termos um centro ligado a uma instituição de ensino, não somente na questão do treinamento em si, mas também na produção de conhecimento. Essa é uma possibilidade única, em termos de Brasil. Não somos só um centro de treinamento, somos uma universidade. Trabalhamos no sentido de produção de conhecimento e tecnologia, formação de recursos humanos e geração de conhecimento em todos os níveis.

Temos oportunidade, também, dentro do Projeto de Desenvolvimento do Esporte, patrocinado pelo Governo Federal, de lidar com crianças e adolescentes que, de alguma forma, precisam do apoio da própria universidade. Por exemplo, os atletas da UFMG e pessoas da UFMG de várias áreas ajudam na inserção desses meninos, auxiliando-os nos deveres de casa, em tarefas e dificuldades que eles possam ter. É uma ação integral em relação ao atleta. Então, pessoas da área de engenharia ensinam Matemática, Física, Química; os da área de Biologia ensinam Ciências, Biologia, Química; os de Letras ensinam Língua Portuguesa, redação e idiomas. Enfim, é dado todo um suporte a esse menino que está participando das atividades esportivas dentro do CTE.

Nós temos hoje 500 atletas, 50 profissionais, 50 estagiários. Nós desenvolvemos pesquisas com diversas publicações na área do esporte.

Para terminar, já que o tempo está esgotado, as grandes dificuldades se referem à questão de financiamento. Hoje a Universidade Federal de Minas Gerais é



responsável por todo o custo de manutenção da estrutura, enquanto os projetos do Governo Federal nos permitem manter o pessoal que trabalha dentro do CTE. O grande problema que enfrentamos agora é definir ações que venham tornar o CTE de alguma forma autossuficiente, para que consiga na realidade arcar com seus próprios custos, porque hoje não conseguimos.

Se não fosse com o apoio da universidade consumindo o dinheiro que não é específico para isso, não teríamos condição de dar continuidade à obra que vimos realizando.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Flávia Moraes) - Obrigada, Sérgio.

Nós vamos agora facultar a palavra para os presentes. Quero registrar aqui a presença do Joacy Bastos, ex-Secretário de Esporte do Rio Grande do Norte e do Fórum de Gestores e Secretários Estaduais do Esporte.

Vou deixar aberta a inscrição para aqueles que estão aqui nos acompanhando quiserem se manifestar.

Desde já, vou direcionar uma pergunta para os nossos expositores já pensarem.

Nós temos aqui duas perguntas. Uma diz respeito à recém-editada Medida Provisória nº 841, de 2018, que retira recurso das lotéricas para manter o Fundo Nacional de Segurança Pública, o que nos deixa numa saia justa, porque segurança pública também é uma questão de extrema relevância, muito demandada pelo povo brasileiro. Já é possível avaliar o impacto que essa mudança nessa rubrica vai ter em relação à gestão do legado? Essa é a pergunta que deixo aqui. Talvez o Paulo possa respondê-la ou algum outro convidado.

Tenho outra pergunta direcionada para o Paulo em relação a Deodoro. Daqui a pouco, peço que o senhor fale também um pouquinho sobre Deodoro, uma vez que não foi mencionado aqui por nenhum dos expositores.

Peço aos que forem falar que se identifiquem junto ao microfone.

**O SR. JOSÉ CRUZ** - O meu nome é José Cruz, eu sou jornalista. Até 2015, mais ou menos, eu trabalhei na imprensa diária. Atualmente estou vinculado à área legislativa no Senado Federal. Quem me conhece sabe que fui um crítico muito grande dos megaeventos, porque sempre defendi a necessidade de termos uma estrutura



preliminar, para que pudéssemos trazer os grandes eventos, que não se resumiram só à Copa do Mundo, às Olimpíadas, às Paralimpíadas, mas também aos Jogos Indígenas, Escolares, Comunitários.

Eu confesso que hoje fico surpreso ao ver a exposição dos senhores, surpreso ao ver que aquilo que criticava está tendo resultado, quem sabe, com muito sacrifício, diante dos problemas da economia brasileira que todos enfrentam, principalmente o esporte. Quero cumprimentá-los pelo balanço que apresentam aqui. Eu me sinto gratificado ao ouvir a exposição dos senhores.

É triste até fazer essa constatação um dia após, como disse a Deputada, à tentativa de desmonte que o Governo Federal tenta fazer com o esporte brasileiro diante desses resultados que os senhores apresentaram aqui. É ignorar aquilo que o esporte está representando para o Brasil pós-megaeventos.

Poderíamos ter muito mais? Com certeza, mas, diante de todas as dificuldades que foram enfrentadas, inclusive com problemas no próprio Comitê Olímpico do Brasil, é elogiável que se tenha hoje um balanço como o que hoje os senhores apresentam.

Eu cumprimento a todos e espero que não esmoreçam nesse trabalho.

Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Flávia Morais) - Obrigada, Sr. José Cruz.

Eu queria passar a palavra ao Paulo Márcio para que ele possa responder a algumas das perguntas.

Como não há mais inscritos, eu queria pedir ao Sr. Paulo e ao Sr. Sérgio Jorge que façam suas considerações finais. *(Pausa.)*

Antes, vamos ouvir o Deputado Arnaldo Jordy, a quem convido para conjugar comigo a Presidência desta audiência pública, que é fruto de um requerimento apresentado por nós dois.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu queria agradecer imensamente a generosidade da Deputada Flávia Morais, que presidiu o início dos trabalhos.

Hoje esta Casa está com uma série de problemas, inclusive com baixo quórum no plenário. Estávamos numa reunião do Colégio de Líderes para tentar resolver esses problemas.



Eu agradeço à Deputada Flávia e passo a palavra ao Paulo Márcio Dias Mello para suas considerações, já que houve uma indagação dirigida a ele.

**O SR. PAULO MÁRCIO DIAS MELLO** - Deputado, eu lhe agradeço o convite, da mesma forma como já agradeci à sua colega, a Deputada Flávia Moraes.

Para mim é uma honra estar aqui. Como disse, vou estar sempre à disposição, porque para mim é um prazer falar de legado. Acho que não há nada melhor do que falar olhando nos olhos das pessoas, sem os discursos que costumamos ouvir de realizações às vezes superfaturadas.

Quero dizer ao senhor, que é jornalista, que o legado está sendo uma experiência muito bacana. Eu acho que, quando o gestor público trabalha com o coração e faz as coisas com empolgação, elas tendem a dar certo. Algumas frustrações acabamos tendo, porque é difícil hoje no poder público desenvolver um trabalho em curto prazo, até por conta da amarração legal.

Eu e a minha equipe em 1 ano conseguimos desenvolver um trabalho que certamente poucos ou nenhum país do mundo conseguiram desenvolver. Isso me faz ficar orgulhoso não só como gestor, mas também como brasileiro, porque nós brasileiros temos uma capacidade tremenda de fazer grandes eventos. Provamos isso, e sempre fomos desacreditados nesse sentido.

O senhor estava me dizendo que é um crítico de grandes eventos. Eu, ao contrário, acho que o Brasil já demonstrou a sua capacidade de fazer grandes eventos e ganha muito com isso. Veja como no Rio de Janeiro nós conseguimos desenvolver uma série de estruturas, inclusive próprias de infraestrutura, o que não conseguiríamos ter feito se não tivesse havido as Olimpíadas!

A nossa maior preocupação são os investimentos, que são altos — o Japão agora vai investir quatro vezes mais do que o Rio de Janeiro nas Olimpíadas —, e o que fazer depois de ter essa estrutura pronta na nossa mão. Essa é a maior preocupação dos brasileiros.

Por isso, acho que precisamos humildemente caminhar mais e evoluir. Penso que estamos no caminho. Eu tenho conseguido, com todas as dificuldades, verificar que é possível retirar essas crianças da rua e levar para dentro do Parque Olímpico. O Parque Olímpico transcende qualquer relação apenas com o esporte de rendimento. Talvez ele seja muito mais social porque o esporte de alto rendimento no



Brasil é muito bem atendido pelo COB, é muito bem atendido, como disse o professor, por esses centros de treinamento que já existem há muito tempo.

Isso não quer dizer que nós, da AGLO, não nos preocupemos com isso. Muito pelo contrário, estou construindo o meu centro olímpico de treinamento, que está muito aquém do COB, mas que já está servindo para práticas desportivas e para vários campeonatos que podem vir a ocorrer lá.

Mas a nossa preocupação neste exato momento é descobrir novos talentos. Como se faz isso? Com esporte de base, com esporte de educação dentro do Parque Olímpico.

Hoje o Rio de Janeiro vive uma situação muito triste de intervenção federal. Então, nós temos um papel social muito importante que é a retirada dessas crianças das favelas. Nós gastamos muito pouco com esse investimento.

As pessoas me questionam: *“Você tem 35 milhões de investimento! Não é muito dinheiro?”* *“Não, é pouco”*. É pouco se compararmos com o que gastamos com essas crianças em centros de recuperação, com equipamento de polícia e com aumento de efetivo.

Agora essa retirada de recursos do esporte nos faz refletir se essa é realmente uma medida que precisamos adotar neste momento, diante do que o Brasil passa e da nossa necessidade de trazer para o esporte e para a educação essas crianças que se encontram em momentos desfavoráveis da vida.

Eu vou responder à pergunta que me fizeram sobre essa medida provisória. Nós não conseguimos analisar o impacto disso profundamente. Essa medida provisória é bastante recente. O que tenho dito para todo mundo é que nós sabemos se um gestor é bom ou não justamente na época de dificuldade.

Não sei qual é o impacto disso para a AGLO, mas é preciso que tenhamos criatividade. Seja qual for o resultado disso, o gestor precisa ter criatividade. E criatividade não vai nos faltar. Ainda que às vezes tenhamos que retardar algumas iniciativas, algumas medidas, elas não podem acabar. Isso não pode fazer com que o gestor desanime.

Confesso que não me sinto preparado neste momento para responder qual o impacto disso no esporte. É evidente que ninguém gostou do que foi feito, mas imagino que isso tenha sido discutido em outras esferas e que vai ser discutido dentro



do Ministério do Esporte, com o Ministro — ele ainda está viajando. Acho que ele vai ser a melhor pessoa, junto com a equipe econômica e com o Governo Federal, para discutir se essa medida pode ser amenizada, ou contemplada, e quais são efeitos dela para o Ministério do Esporte.

Falando um pouco sobre Deodoro, eu faço aqui uma mea-culpa, porque a AGLO não é responsável apenas pelo Parque Olímpico da Barra, mas também por Deodoro, onde tenho cinco instalações sob minha responsabilidade: o hipismo, o pentatlo, a arena da juventude, o rúgbi e o tiro. Essas cinco instalações estão sob minha responsabilidade. Outras duas, o BMX e a canoagem slalom, estão com a Prefeitura.

Fazendo uma avaliação das minhas cinco instalações, hoje temos um termo de parceria com o Exército. Como elas estão em uma área militar, é o Exército quem administra isso. Quando eu não toco no assunto de Deodoro, não é por desprezo, é pela tranquilidade com que ela já vem sendo utilizada desde o primeiro dia após o término das Olimpíadas. Por que digo isso? Porque os nossos maiores medalhistas são egressos das Forças e eles utilizam muito bem essas instalações olímpicas.

Eu tenho tido contato direto com o comandante do CCFEx, que é o responsável por essas instalações. Sempre tivemos um excelente relacionamento. O papel da AGLO é de ser o braço direito deles, a força política deles naquilo que necessitam e precisam. Mas eles desenvolvem diversos projetos lá dentro. Houve diversos campeonatos internacionais e nacionais de tiro, principalmente, que é uma especialidade dos nossos militares. Na Arena da Juventude, houve campeonatos nacionais de judô e de outras modalidades. Houve também campeonatos de hipismo e em outras instalações. O rúgbi é o nosso maior problema, porque o Brasil não é, evidentemente, um país que tem esse esporte como algo que nos empolgue, mas nós precisamos mudar isso. Inclusive o rúgbi tem cedido espaço para outras modalidades, como o futebol americano, que já foi praticado lá no nosso gramado. Então, é a única instalação que nós precisamos aperfeiçoar mais, dar uma utilização mais eficaz, enquanto as outras não.

Quando eu falo de Deodoro, falo sobre a administração do Exército. Tudo lá caminha como vem caminhando dentro do plano de legado, com projetos sendo desenvolvidos pelo Exército e pela AGLO.



Eu participei de uma audiência na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro — ALERJ e uma das discussões que eu tive com o Presidente da Comissão de Assuntos Relacionados a Pessoas Portadoras de Deficiência era que nós trouxéssemos a Baixada Fluminense para dentro de Deodoro, pela proximidade que ela tem com a Baixada. Então, a nossa maior investida agora vai ser no sentido de trazer crianças carentes da Baixada para dentro de Deodoro, aproveitando o espaço que nós temos lá para elas.

Sei que o tempo é curto, ainda tenho muitas coisas a dizer sobre legado, muitos projetos, mas continuo me colocando aqui à disposição para comparecer, Sr. Presidente, quando o senhor quiser e determinar que eu preste qualquer esclarecimento sobre legado e responda a mais perguntas que os senhores eventualmente queiram me fazer.

Agradeço a todos os que estão neste plenário e me coloco à disposição sempre que for possível, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Sr. Paulo Mello.

Há mais uma participação dos nossos internautas. Antes de passar a palavra ao Sérgio da Fonseca e ao Jorge Bichara, leio a pergunta que o Sr. Iuri Cristiano da Silva Magalhães nos fez: *“O Ministério dos Esportes aponta a Rede Nacional de Treinamento como o principal legado dos Jogos Olímpicos. Qual é o futuro dessa Rede?”*

Passo então a palavra ao Sr. Sérgio e, em seguida, ao Sr. Jorge.

Peço aos senhores que fiquem à vontade para comentar outras perguntas, ainda que não tenham sido especificamente dirigidas aos senhores.

**O SR. SÉRGIO TEIXEIRA DA FONSECA** - Está ótimo. Eu vou falar talvez um pouco do impacto da medida provisória, que é a questão básica da retirada de apoio financeiro para o esporte.

No Brasil, nós estamos passando por um momento que, em qualquer processo de custeio, essas estruturas que apresentamos aqui hoje são entendidas como gasto, quando, na realidade, estamos falando de investimento. Trata-se de investimento no treinamento de atletas de alto rendimento, que, de alguma forma, nos representarão internacionalmente. Esses investimentos são feitos na descoberta de talentos, na



formação desse atleta, não somente no seu treinamento, mas também na descoberta de novos indivíduos que vão novamente nos representar internacionalmente. Acima de tudo, são investimentos naquela criança de risco social, que terá oportunidade de conviver com bons exemplos, de continuar a sua educação no sentido de entender o esporte como agente transformador.

Enquanto tratarmos o nosso esporte como custo para o Brasil, de alguma forma, estaremos nos prejudicando. É mais um processo de autossabotagem, como conversamos aqui, que é tão comum hoje no Brasil.

O esporte, no nível em que nós estamos falando, fomentado por essas estruturas todas que apresentamos aqui, é investimento no futuro deste País, não somente na sua dignidade perante a outras nações, que são altamente desenvolvidas, mas também na retirada do crime e, quem sabe, de outras situações desses indivíduos que têm muito potencial e não tiveram oportunidade de receber a nossa atenção.

É preocupante quando ouvimos falar de uma ação que venha a reduzir o investimento no esporte. Não sabemos exatamente qual a repercussão real disso. Eu concordo com o Paulo quando ele diz que não estamos em posição de avaliar o impacto real de todo o processo, mas certamente as perspectivas se tornam cada vez mais desanimadoras.

Posso dizer o seguinte: todo esse processo aqui é continuado por meio de lutadores, de pessoas que são idealistas e que acreditam no esporte acima de tudo. Não é uma tarefa fácil estar diante do esporte hoje quando a própria impressão pública é negativa em relação a isso.

Talvez a oportunidade de estar aqui hoje tenha sido fundamental para expor publicamente a ação dessas pessoas que tentam, de alguma forma, engrandecer o esporte e trazem um pouco de retorno para este País, entendendo que tudo que nós estamos tentando fazer, na realidade, é dar retorno a esse investimento que foi feito em todos nós.

Eu sinto muito que o olhar ainda esteja distorcido. Só espero que as pessoas descubram, por meio dessas apresentações aqui, que merecemos mais, não menos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Sérgio, pelas considerações.



Eu passo a palavra ao Jorge Bichara — há mais uma pergunta do Jorge, seu xará, que talvez ele possa responder.

**O SR. JORGE BICHARA** - Primeiramente, de certa forma, é um orgulho para mim ouvir algumas palavras do José Cruz, um profissional que eu respeito bastante. Sempre procurei ser bem crítico e sensível às críticas que ele fazia a todo o sistema e a toda a minha área de atuação, no sentido de envolver e trabalhar com o esporte de alto rendimento, em um país onde as desigualdades são grandes, e os investimentos no esporte de alto rendimento, que são altos, são sempre comparados com as necessidades na área social e na área de saúde. Entendo que eles são prioridades, mas são situações distintas.

Eu queria falar um pouco sobre essa MP. Ao longo dos últimos dias — essa informação chegou ao COB no fim de semana —, ainda não foi possível mensurarmos o tamanho do impacto desses números. Já vi até números positivos em relação a recurso do Comitê Olímpico Brasileiro, mas me nego a entender isso como positivo em qualquer dado matemático que eu possa vir a receber, porque sozinho o Comitê Olímpico não faz nada. Ele faz parte de um sistema e qualquer tipo de interferência dentro desse sistema gera consequências a médio, curto e longo prazo.

Nós trabalhamos para representar bem o País em Jogos Olímpicos, Jogos Pan-Americanos, a partir do trabalho de todos os segmentos que trabalham com esporte no Brasil, nas escolas, nos clubes, nas federações, nas confederações, através dos órgãos públicos, nas secretarias estaduais e municipais, Ministérios. Todos têm que contribuir.

Ao longo dos últimos 2 anos, tenho participado de algumas audiências aqui e ouvido críticas ao sistema e a situações que aconteceram no passado. Eu me permito falar das coisas que assumi como responsabilidade e tratar para frente, não me esquivando de erros da instituição em que trabalho que tenham acontecido no passado, mas sei da importância do esporte para a sociedade e lamento muito que, neste momento, o recurso seja retirado do esporte como um todo. Isso demonstra uma falta de sensibilidade de entender o papel do esporte dentro da sociedade e a sua capacidade de interferir dentro de um processo relacionado à educação, à valorização, ao desenvolvimento da cultura nacional.



Se não reconhecermos, numa cadeia, o valor que vai do campeão olímpico ao valor de uma medalha de prata, de uma medalha de bronze, de um finalista olímpico, de um participante nos jogos olímpicos, de um atleta que buscou se classificar para os jogos, que todos viram referência para outras pessoas, porque viram exemplo e estimulam pessoas a praticarem atividades saudáveis — a atividade física interfere e beneficia todo um sistema de saúde de uma nação, porque gera uma série de consequências positivas na autoestima da população e uma série de situações que trazem benefícios para todos —, é não desenvolver a cultura desportiva do País e não contribuir para o momento pelo qual estamos passando.

Quanto aos números, como disse, já recebi diversas planilhas ao longo dos últimos 3 dias. A minha interpretação é a de que todas são negativas quanto à interferência dentro de um sistema que já é frágil em relação à capacidade de atender toda a sua capacidade de trabalho.

Nós precisávamos de mais controle, mais governança, mais gestão e mais recursos para fazer o Brasil conseguir utilizar todo o seu potencial de crescimento.

Amanhã eu voltarei aqui também convidado para participar de uma audiência sobre a preparação para Tóquio, porém, o tema foi alterado exatamente para tratar da questão que envolve essa MP.

Gostaria muito de expor para os senhores como foi e está sendo desenvolvido o trabalho para Tóquio, onde, a 2 anos das Olimpíadas, o Brasil já fechou todas as suas seis sedes, onde vamos ficar com os atletas treinando. Este ano seis equipes estão indo para o Japão fazer treinamento. Neste momento, nossa equipe de judô já está lá fazendo o treinamento de adaptação. Isso é para demonstrar que é possível trabalhar com organização, mérito e critério e fazer com que consigamos avançar e representar bem o nosso País.

Sou sempre aberto a críticas e a ouvir opiniões divergentes da minha e tentar rever a minha forma de atuar.

Enfim, recebi mais uma pergunta aqui: *“Quando da realização dos Jogos, foi dito à sociedade que as instalações teriam destino certo e que não haveria custo público para a sua manutenção. Indago se as atividades e eventos que estão sendo realizados e promovidos são suficientes para cobrir as despesas atuais.”*



Em relação ao Parque Aquático Maria Lenk, ele foi construído com recursos da Prefeitura do Rio de Janeiro, para os Jogos Pan-Americanos. O COB tem a concessão dele assinada em 2008, que vai até 2028. Essa concessão nos impede de fazer qualquer tipo de cobrança para utilização do espaço em relação a ingressos. Porém, o modelo adotado pela AGLO das permutas e da utilização do espaço com outros tipos de benefício é possível.

Simplemente nós adotamos um modelo, em virtude de recebermos recursos públicos, de fazer tudo gratuito lá dentro e oferecer o espaço de forma gratuita para as confederações nossas filiadas e para quem busca realizar eventos das confederações. Quando ocorre um evento de privados, fazemos um sistema semelhante ao que a AGLO faz nas permutas e nos benefícios que possam trazer à instalação.

O nosso foco principal são os atletas de alto rendimento. Neste momento, o que eu posso dizer é que os nossos custos, como apresentados aqui, chegam à casa dos 11 milhões de reais anuais. Como falei, isso também é afetado pela MP que está em vigor neste momento.

Enfim, essa é a minha posição, Deputado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Jorge.

Nós temos uma última colocação antes de encerrar. Eu peço brevidade porque nós já estamos na Ordem do Dia.

**O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA** - Eu tenho uma pergunta ao Prof. Sérgio. Acho que são 80 universidades federais no Brasil. Há alguma universidade federal ou particular com projeto semelhante ao das universidades de Minas Gerais?

**O SR. SÉRGIO TEIXEIRA DA FONSECA** - Há algum tempo, o Ministério do Esporte fomentou o que se chamava Rede CENESP, que foi um conjunto de instituições federais que criaram centros de excelência de apoio ao esporte. Essa rede terminou. Nós tínhamos como expoentes a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por exemplo. Foi mais uma dessas experiências que deixaram um bom legado. Acho que a estrutura deixada foi muito importante, mas não lhe foi dada a continuidade suficiente.

Outro grande problema que as universidades apresentam é não ter uma infraestrutura que permita o desenvolvimento do esporte nessa qualidade. Então, eu



acredito que hoje poucas instituições oferecem aquilo que nós podemos oferecer. Lembro que o grande investimento foi do Governo de Minas Gerais. E foi até um grande exemplo de uma política de Estado, porque nós passamos por governos do PT e do PSDB e, durante todo o período, o apoio foi total. Até no momento em que tínhamos o PSDB no Governo Estadual e o PT no Governo Federal, nada nos prejudicou. A associação continuou, os dois conversaram no sentido de garantir a estrutura adequada.

Então, para mim, é um grande exemplo de algo bem pensado. Nós vamos continuando e permitindo o desenvolvimento da qualidade que nós estamos oferecendo hoje, porque a estrutura está lá. As universidades federais do Brasil passam por grandes dificuldades financeiras, e é pouco provável que essas instituições possam, por meio de seus próprios investimentos, desenvolver uma estrutura tal qual essa.

**O SR. FERNANDO FRANCO FERREIRA** - Quero fazer um comentário sutil. O menino que aparece de costas lançando dardos vai para o Campeonato Mundial de Atletismo Juvenil no lançamento de dardos. Isso é fruto do trabalho da Universidade de Lavras.

**O SR. SÉRGIO TEIXEIRA DA FONSECA** - É isso o que nós buscamos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Arnaldo Jordy) - Não havendo mais nenhum questionamento, eu queria renovar os agradecimentos pela presença de todos os nossos convidados, de todos que participaram desta reunião.

Eu não me atrevo a fazer maiores comentários, porque não tive o privilégio de ouvi-los. Se bem que o Jorge já é quase um Deputado da Casa. (*Riso.*) Toda semana temos conversado bastante. Mas nós precisamos pensar muito daqui para frente. Precisamos o mais rápido possível aprender com as lições derivadas do passado.

É evidente que muitos foram os méritos, o protagonismo e a excelência alcançados até agora. As Olimpíadas e a Copa do Mundo foram grandes eventos e deixaram inevitavelmente algum legado, mas eu penso que não dá para nos orgulharmos muito disso. Os escândalos, as decepções, as prisões foram infinitamente mais significativas do que a herança deixada, infelizmente.

Creio que temos um problema, ainda que nós tenhamos que reagir diante dessa medida provisória — e esse é um tema que talvez hoje nós ainda conversemos



na Comissão, em reunião extraordinária que estou tentando marcar com o nosso Presidente —, sem querer rivalizar a importância da segurança diante da importância do esporte ou da cultura. E parece-me que o Ministro da Cultura já anunciou a sua renúncia hoje por conta dos cortes de verba.

Então, eu acho que nós precisamos encontrar outras fontes que não aquelas que são inclusive complementares. O desenvolvimento do esporte é absolutamente estrutural para redução da violência, da delinquência, da criminalidade, etc. Tentar resolver o problema da segurança, retirando uma parte estrutural daquilo que é solução e não causa, parece-me uma estupidez, uma estultice sem tamanho, como da mesma forma para a cultura — certo?

São duas linhas de investimento que não têm contraindicação, no que diz respeito à inibição desses indicadores assustadores da violência, da delinquência no Brasil e que, a meu juízo, não serão resolvidos nem a curto, nem a médio, nem a longo prazo apenas com polícia na rua, com armamento, com estratégias militares, etc. Nós precisamos cuidar profundamente do conflito distributivo brasileiro, pelo menos como parte da solução para essa violência.

Além disso, nós temos que sepultar definitivamente as nossas estruturas. É o que nós estamos tentando fazer aqui na Comissão com a contribuição legislativa, mudando alguns ordenamentos jurídicos relativos às nossas leis do esporte. Na verdade, essa nossa estrutura carece, pelo menos, de governança compartilhada. Não existe isso no Brasil. A nossa estrutura é completamente alheia a isso.

Ela carece também de controle social e transparência. Os escândalos do COB, das confederações, das federações são irreconhecíveis, não é? Aquilo que nós pensávamos que era uma exceção, um caso ou outro, virou regra. Nós temos cansado de repetir isso aqui.

Também há a questão da nossa gestão compartilhada. Nós temos uma estrutura extremamente verticalizada, com pouca participação de atletas e de outros componentes. Semana passada, nós discutíamos aqui com o pessoal do atletismo a nova proposta, que será ainda submetida à assembleia geral dos órgãos de atletismo, que verticaliza ainda mais do que a anterior. Ela chega a colocar 68% do poder de decisão da confederação na mão das federações. Ora, é isso o que muitas vezes



eterniza um dirigente, com todos os vícios e a carga viral nociva que ele carrega por trás.

Então, não é só um problema de recursos, ainda que isso seja absolutamente fundamental. Nós temos que mexer em outros conceitos que hoje contaminam o esporte, se nós quisermos ter a pretensão de ser um país olímpico. Até então, nós temos muito mais propaganda disso, com todo o reconhecimento de mérito, de denodo, de investimento, principalmente dos atletas, dos profissionais que estão inclusive à frente hoje do COB, o Paulo, o Jorge e outros.

Nós temos sido incansáveis em elogiar, em tentar definir que, daqui para frente, é uma nova era, mas precisamos fazer esse luto do passado bem feito. Nós precisamos fazer esse luto, com todo o rigor possível, para que ele não seja uma assombração a nos incomodar no futuro.

Só para dar uma ideia disso, eu conversava há um tempo com o nosso Presidente do COB. No Estado do Pará, eu pedi para fazer um levantamento, uma amostra singela. Nós pegamos 11 atletas de esportes olímpicos que têm pódio, que estão num nível de ranqueamento nacional bem posicionado. Nenhum deles e dos seus técnicos conhecem, por exemplo, as estruturas de alto rendimento instaladas no Rio do Janeiro, nem no Parque Aquático Maria Lenk, nem time brasileiro, nada. Já ouviram falar, mas nunca tiveram a oportunidade de conhecer um laboratório desses. Vejam como as coisas são distorcidas. Eles não têm o conhecimento, nunca viram, nunca foram lá para pelo menos dizer: *“Isso aqui existe. Eu vou me esmerar para um dia eu poder fazer uma oficina, um laboratório aqui, para poder melhorar o meu rendimento”*.

Então, nós temos um problema grave de concentração de poder. Tudo fica no eixo Rio e São Paulo. No Nordeste e no Norte, além de outros problemas, temos isso também. Então, eu acho que nós precisamos zerar isso e começar a pensar numa outra perspectiva.

Nós da Comissão do Esporte estamos animados com esse novo ciclo, digamos assim, de coisas que nós podemos construir, a partir dessas experiências que devem ser definitivamente sepultadas.

No mais, quero agradecer mais uma vez a todos pela presença e dou como encerrada esta reunião.



Muito obrigado.